

**POSSÍVEIS CAMINHOS PARA O ESTABELECIMENTO DE UMA
EQUIVALÊNCIA CONCEITUAL E FORMAL DE TERMOS ENTRE O INGLÊS E O
PB**

**POSSIBLE WAYS TO ESTABLISH A CONCEPTUAL AND FORMAL
EQUIVALENCE OF TERMS BETWEEN ENGLISH AND PB**

Marcela Bravo Esteves^{1*}

¹Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

*Autora correspondente: e-mail: marcela-be@uol.com.br

RESUMO

Este artigo contém os principais pontos analisados no trabalho de dissertação apresentado como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística do LIP da UnB em 2010. O objetivo é comparar a equivalência conceitual e formal de termos da área de ciências agrárias entre dois sistemas linguísticos, o do inglês e o do português do Brasil (PB). A questão “Como ocorre a conformação de um termo tendo como língua de partida o inglês e língua de chegada o PB?” norteia o estudo. A fim de compreender a questão delimitada, é preciso incluir aspectos fundamentais, como a massiva influência da língua inglesa na redação de artigos técnicos e científicos em PB, o uso da linguagem de especialidade, a compreensão sobre o signo linguístico, os aspectos da tradução e o problema do estabelecimento da equivalência entre duas línguas e a intrincada identificação e atribuição do estatuto de termo a uma unidade lexical. Algumas das implicações deste movimento entre as duas línguas mencionadas são discutidas, tomando por base os pressupostos teóricos da variação terminológica de Faulstich (2002). Entender o comportamento e as interferências na transição da língua de partida para a língua de chegada pode contribuir com alternativas mais adequadas ao sistema da língua de chegada, além de permitir, desde que manejados apropriadamente, maior especificidade e rastreabilidade dos termos em sistemas de busca, o que por sua vez expande o alcance do que se deseja divulgar. A variação terminológica, conforme postulada por Faustich (2002), perpassa em algum momento esse caminho.

Palavras-chave: terminologia, tradução, língua de partida, língua de chegada, linguagem especializada.

ABSTRACT

This study contains the main points analyzed in the dissertation work presented as a requirement to obtain the degree of linguistic master at LIP, UnB, in 2010. The objective is to compare the conceptual and formal equivalence of terms in the area of agrarian sciences between two linguistic systems, that of English and Brazilian Portuguese (PB). The question "How does a term conform to target language of PB having English as a source language?" guides the study. In order to understand this issue, it is necessary to include fundamental aspects, such as the massive influence of the English language in the writing of technical and scientific articles in PB, the use of language for specific purposes, understanding of the linguistic sign, aspects of translation and the problem of establishing the equivalence between two languages as well as the intricate identification and assignment of the term status to a lexical unit. Some of the implications of this movement between the two languages mentioned are discussed, based on the theoretical assumptions of Faulstich's terminological variation (2002). Understanding the behavior and the interferences in the transition from the source language to the target language can contribute to choices more appropriate to the target language's system besides allowing, as long as properly managed, greater specificity and traceability of the terms, which in turn expands the scope of what is intended to be disclosed.

Key words: terminology, translation, source language, target language, specialized languages.

1. INTRODUÇÃO

Plataformas que recolhem, sistematizam e disponibilizam informações e dados são uma tendência que vem se consolidando num mundo em que o conhecimento se torna valioso insumo. Disponibilizar dados consistentes que estejam expressos em textos bem construídos não só gramaticalmente mas também por meio do uso de terminologias apropriadas sempre foi

uma preocupação no âmbito de instituições de pesquisa, com relevância acentuada nesse mundo que prioriza o conhecimento e sua disseminação.

Estudos terminológicos podem contribuir com a produção, o uso e a recuperação de termos, tornando o gerenciamento de dados mais seguro, dinâmico e eficaz.

Dos vários aspectos possíveis de pesquisas no âmbito da teoria linguística, e dos estudos terminológicos, o interesse deste artigo está concentrado na observação do comportamento de termos da área de ciências agrárias, e seus desdobramentos, na língua portuguesa do Brasil. Como eles estão formados, as características formais e conceituais, e, mais especificamente, a origem predominante da língua inglesa, bem como algumas das implicações deste movimento entre as duas diferentes línguas mencionadas, são questões discutidas, tomando por base os pressupostos teóricos da variação terminológica de [1].

No percurso para a compreensão do tema delimitado acima, é preciso incluir a massiva influência da língua inglesa na redação de artigos técnicos e científicos em Português do Brasil, o uso da linguagem de especialidade, a compreensão sobre o signo linguístico, os aspectos da tradução e o problema do estabelecimento da equivalência entre duas línguas e a intrincada identificação e atribuição do estatuto de termo a uma unidade lexical.

A pergunta que sustenta e norteia este estudo poderia ser assim sintetizada: como ocorre a conformação de um termo tendo como língua de partida o inglês e língua de chegada o português do Brasil (PB)? Para exemplificar nossa preocupação, destacamos formações como (i) 'plantable/plantabilidade', (ii) 'rendering/renderizar', (iii) 'spreadability/espalhabilidade', (iv) 'grass competition/matocompetição', (v) 'perishability/perecebilidade', (vi) 'shelflife/vida de prateleira', (vii) 'agriculture and livestock/agropecuária', (viii) 'greenhouse/casa de vegetação', (ix) primer/primer; (x) prebiotic/prebiótico; (xi) probiotic/probiótico; (xii) snack/snack (petisco); (xiii) executive summary/sumário executivo (resumo); (xiv) gene repórter/repórter gene; (xv) cultivar/cultivar; (xvi) mycorrhiza(s)/micorrizar; (xvii) Integrated crop-livestock-forest system/ integração lavouva-pecuária-floresta (ILPF); (xviii) negligible/negligível/insignificante/desprezível; (xix) deteriorative/deteriorativo; (xx) deterrence/deterrência; (xxi) stress/estresse.

Os primórdios da comunicação científica no ocidente remontam a textos gregos e, de forma mais próxima, aos séculos XVI e XVII, com o surgimento em Londres dos primeiros periódicos científicos. Assim é que, em origem, a linguagem da ciência parece ter sido mesmo o grego e o latim. É compreensível a predominância de termos com essa origem até os nossos dias e também a semelhança com as formas utilizadas pelo PB.

Assim, esses dados têm formativo no latim e no grego (ix; xvi; xviii; xix; xx) ou no inglês antigo (vi; viii) No entanto, há maneiras e recursos inúmeros de se buscar uma equivalência entre os dois sistemas, como parecem evidenciar os exemplos acima, e ainda mesmo depois que ocorre essa primeira, ou possível, equivalência, é comum mais de um termo ser utilizado para expressar o conceito (xviii).

A própria caracterização de um termo é algo complexo, já que pode ocorrer uma unidade lexical isolada (i e ii) ou uma combinação de unidades, os sintagmas terminológicos (xiii e xiv), ou ainda pode haver uma redução de um nível oracional para um nível sintagmático, caso das unidades terminológicas complexas (UTCs) (xvii). No caso da tradução, um componente adicional deve ser considerado, já que ocorrem casos em que o equivalente na língua de chegada mais adequado poderá ser uma opção por uma combinação com mais de uma unidade lexical.

Os recursos disponibilizados pelo sistema linguístico nessa adaptação que podem ser observados se concentram tanto na morfologia lexical quanto no ponto de vista semântico. Então, no que se refere à morfologia lexical, ocorrem processos de lexicalização (xxi), empréstimo por decalque (vi), decalque morfológico (viii); e quanto ao ponto de vista semântico, o sentido quase sempre se mantém, ocorrendo, por vezes, a necessidade de se recorrer a um sentido metafórico.

2. ESTUDOS TERMINOLÓGICOS

A Terminologia como disciplina surge, entre outras razões, da necessidade por parte dos cientistas de encontrar regras comuns para a formação dos termos e seu objetivo é o estudo dos termos [2]. Um termo é a unidade lexical da Terminologia. Sua relevância, no estabelecimento das terminologias dos diferentes domínios, é de tal ordem que há definição oficial de termo expressa em uma norma, a ISO 1087, de 1990.

De acordo com essa norma, estabelecida pelo International Standard Organization (ISO), o termo seria uma “designação por meio de uma unidade linguística, de um conteúdo definido em uma linguagem de especialidade” [3]. A razão para uma definição oficial por este órgão internacional se justifica pelo fato de a terminologia ser um tema de interesse de muitas áreas do conhecimento e que é utilizada em diferentes práticas. Tradutores, lexicógrafos, linguistas e bibliotecários, além de especialistas de diferentes áreas, lidam com termos com propósitos distintos. No caso dos bibliotecários, a preocupação se atém aos princípios de indexação de documentos para a recuperação de informação e nos processos de busca. Assim é

que o trabalho desenvolvido pelos bibliotecários valoriza a noção de conceito, que, por sua vez, está representado pelo indexador, ou descritor, e pode ser representado por um termo [4].

É preciso destacar também a importância da terminologia para o estabelecimento de qualidades como precisão e especificidade aos textos científicos, ou linguagens de especialidades, garantindo clareza, credibilidade, ao mesmo tempo que os autores de textos científicos que se preocupam com o uso adequado e correto da terminologia garantem também uma indexação mais precisa. Em termos práticos, todo esse cuidado espera ter como efeito que aquilo que os autores estão escrevendo seja claramente compreendido e ainda seja recuperado pelo público interessado. Em outras palavras, seria uma forma de assegurar que o que está sendo dito/escrito tenha alcance e também uma forma de ampliar a audiência da mensagem contida no texto científico.

Uma delimitação que deve ser feita a priori diz respeito ao ambiente textual de ocorrência dos termos. Os termos ocorrem essencialmente em linguagens de especialidade (LESP, sigla em inglês para *Language for Specific Purposes*), que, por sua vez, seriam subconjuntos pertencentes a diferentes domínios do conhecimento, e também se constituem em um tipo de registro formal dentre as diversas possibilidades expressivas de um falante [5].

Em relação à comunicação especializada, [10] aponta três elementos que a caracterizam, a saber: (i) a especificidade do tema, (ii) os interlocutores, os usuários, que são os próprios especialistas em determinado domínio e (iii) a terminologia, já que o conhecimento especializado se materializa linguisticamente principalmente nos termos.

De acordo com [7], a linguagem científica está relacionada à função representativa da linguagem e sua finalidade é transmitir conhecimentos, sendo a missão essencial de um texto científico informar. Um texto científico deve, portanto, possuir qualidades como precisão, neutralidade, concisão e economia.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIGNO LINGUÍSTICO

Para fundamentar o que se pretende analisar é preciso recorrer à noção de signo linguístico proposta por Saussure. Foi principalmente por meio dos estudos dele, no *Cours de Linguistique Générale*, que se passou a considerar os aspectos envolvendo dicotomias entre sincronia e diacronia, *langue* e *parole* e significado e significante. Saussure compreende o signo linguístico convencional como arbitrário e detentor da característica de uma dupla constituição

inseparável — o significante e o significado. Assim é que para ele “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” [8].

Da mesma forma, o termo se liga a um conceito em uma relação similar à encontrada no signo, que possui um significado e um significante a ele correspondente. O próprio termo, portanto, também é um signo. [9] esclarece que ‘... a série de sons m+e+s+a ... não chega a ser palavra até que lhe esteja associada uma determinada representação, precisamente um significado...’. De acordo com este autor, uma palavra será sempre constituída de duas partes — uma forma equivalente ao significante, e outra a um conteúdo, sendo esta uma constituição fundamental das línguas, à qual acrescenta, posteriormente, ainda um terceiro componente extralinguístico, que é a própria realidade.

A teoria do signo linguístico, e o conseqüente debate posterior formulado por diferentes autores, é fundamental para a compreensão do funcionamento dos termos nas Linguagens de Especialidade e também da equivalência conceitual que se estabelece entre dois sistemas linguísticos diferentes.

4. TRADUÇÃO ESPECIALIZADA E TERMINOLOGIA

A tradução encontra-se no âmbito dos conhecimentos interiores dos estudos da linguagem por ser um fenômeno complexo e objeto de discussões controvertidas. Ao discorrer sobre a relação entre terminologia e tradução especializada, [10] esclarece que “... concebemos a teoria da tradução ... como a matéria que deve dar conta do processo de transpor ideias expressas em uma língua de partida a uma língua de chegada diferente, cada uma com sistema expressivo próprio e integrada ao sistema cultural expressivo...”.

Neste estudo, a importância da tradução pode ser justificada por (i) se constituir numa prática que busca equivalência conceitual e formal entre signos linguísticos que integram diferentes sistemas linguísticos; (ii) por envolver aspectos culturais que caracterizam diferentes nações e seus povos, bem como a maneira de cada cultura pensar e agir no mundo; (iii) por ser a porta de entrada de termos forjados em outros idiomas e (iv) por contribuir para o surgimento da variação terminológica.

[11] explicam que, para os tradutores, os termos técnicos e os científicos constituem uma forma de expressão característica da comunicação profissional e, assim, permitem que conceitos de uma determinada área sejam objetivamente transmitidos. Seria apropriado inferir aqui, conforme indicação das autoras, que os termos “configuram-se como elementos

linguísticos de representação e de divulgação do conhecimento, além de funcionarem como recurso para conferir univocidade e, conseqüentemente, eficácia à comunicação entre especialistas”.

[10] acredita que a tradução e a terminologia, tanto no que diz respeito à vertente disciplinar quanto à vertente aplicada, apresentam coincidências: (i) ambas se caracterizam por uma tradição aplicada que está em contraste com o recente caráter disciplinar, (ii) ambas são campos interdisciplinares, fundamentadas em bases cognitivas, linguísticas e comunicativas. Além disso, a linguagem é a matéria fundamental de ambas e comporta um sistema expressivo que reflete a concepção que os falantes têm da realidade.

[10] cita o caráter de finalidade da tradução e o caráter instrumental da terminologia e chama atenção para a necessidade que a tradução, em especial a especializada, tem da terminologia.

5. EMPRÉSTIMOS E ESTRANGEIRISMOS

Existem diversas definições de empréstimos linguísticos formuladas por diferentes autores, sob diferentes perspectivas e em diferentes épocas. Na modalidade oral, há algumas características que se sobressaem mais, como a constituição fonológica na produção da fala do termo estrangeiro e uma conseqüente ênfase à fonética da língua recebedora.

O verbete ‘empréstimo’ no dicionário Houaiss de língua portuguesa traz a seguinte definição: “incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua [dá-se por diferentes processos, tais como a reprodução do termo sem alteração de pronúncia e/ou grafia (know-how), ou com adaptação fonológica e ortográfica (garçom, futebol)]”. [14]

Uma observação curiosa sobre o comportamento dos empréstimos é a de que há formas sendo criadas mesmo que já exista uma na língua que adota o empréstimo, presumivelmente criado para preencher uma lacuna ou inexistência. Essa produção e multiplicidade de criações é também o que enseja o processo de variação terminológica.

[15] esclarece que a formação do empréstimo ocorre quando “objetos, conceitos e situações” de determinada língua estrangeira necessitam ser nomeados em outra cultura. A autora acredita que não se trata propriamente de uma criação linguística, e sim de uma acomodação ou adaptação de um elemento com origem em um sistema a outro sistema. Nesse movimento, conforme a autora, ocorre uma resistência do sistema que importa o termo. Dessa

forma hábitos fonéticos e sua transcrição dificultam a entrada do termo, e dessa dificuldade decorreria uma tradução literal.

As fases desse processo são assim definidas por essa autora: “(i) palavra estrangeira (existente na língua A); (ii) estrangeirismo (usado na língua B); (iii) empréstimo (adaptação de qualquer tipo na língua B) e (iv) xenismo (ausência de adaptação para a língua B)”. Para distinguir entre empréstimo e estrangeirismo, Carvalho (2009), p 57) recorre à dicotomia *langue/parole* de Saussure, posicionando o estrangeirismo no plano da *parole*, ou seja, como sendo de uso ‘individual’, ao passo que o empréstimo já se constitui num elemento da *langue*, e assim já está socializado.

Por sua vez, a relação de equivalência não é estabelecida apenas por meio de empréstimos, embora esse processo seja muito profícuo e comum. No contato entre os sistemas durante a tradução de uma dada língua A para uma língua B, há casos em que o tradutor faz uso dos equivalentes disponíveis no sistema. Na modalidade escrita, e no que diz respeito ao aspecto lexical, essa disponibilidade é farta, pois há amplas alternativas de estabelecimento de pares equivalentes entre, por exemplo, a língua inglesa e o português do Brasil. Existem, no entanto, problemas a serem enfrentados na prática da tradução, em que não encontramos o equivalente nos repertórios das linguagens de especialidade tampouco nos das línguas comuns, quer em dicionários, quer em glossários.

6. TERMO E CONCEITO

Um termo pode ocorrer no âmbito das linguagens de especialidade de um determinado domínio do saber humano. Pode ser um substantivo, um verbo, um adjetivo, uma sigla. Por estar integrado ao funcionamento linguístico de determinada língua natural, o uso pode variar de acordo com a região e também com a densidade do texto especializado. Pode se movimentar entre os ambientes de especialidade e da língua comum, no processo denominado lexicalização e terminologização, quando um determinado item lexical assume funções e características dependendo do ambiente em que ocorre.

Podem ocorrer *in vivo*, quando a observação se dá no contexto em que ocorre, dentro das linguagens de especialidade, ou *in vitro*, quando repertoriados em dicionários, léxicos ou glossários especializados, conforme [16].

Muitos termos podem estar repertoriados em dicionários da língua comum, em que estão marcados sob a rubrica ou domínio a que pertencem. No entanto, a definição encontrada em

um dicionário de língua comum será substancialmente diferente daquela de um dicionário especializado, que possuirá maiores detalhes e precisão, como requer uma obra dessa natureza.

Configuração prototípica de termos, conforme [11].

Nomes: substantivos (ácido), adjetivos (endodérmica)
Sintagmas terminológicos: (relatório de impacto ambiental)
Signos verbais plenos: (águas servidas)
Signos verbais reduzidos: siglas (ONU); acrônimos (Termisul); abreviaturas (set = setembro)
Signos não verbais: fórmulas (H ₂ O)

Para [7], assim como as palavras, o termo científico pode ser compreendido sob uma tríplice abordagem, que envolve os seguintes planos: o linguístico, que abrange o significante; o cognitivo, compartilhado com o linguístico, que abrange o significado do conceito, com o qual se relaciona o significante, e o ontológico, que abrange o referente, objeto da realidade. Essa abordagem tríplice se relaciona, por sua vez, com os aspectos referencial, conceitual e simbólico, com repercussões cognitivas, linguísticas e comunicativas.

Segundo essa autora, termos devem ser precisos, isto é, não conter ambiguidade, o que pressupõe que seus significados sejam delimitados previamente e sejam monossêmicos, e que por essa qualidade se entenda a sua relação com um único conceito.

No trabalho terminológico, o ‘conceito’ é um aspecto fundamental e, de acordo com [18], está definido como uma “unidade de pensamento”. Para essas autoras, o conceito não seria uma síntese mental de uma única pessoa, mas sim uma síntese mental de um grupo, no contexto da LESP. Assim, a síntese mental reflete o conhecimento objetivo e técnico de determinada área.

Para [19], uma unidade lexical é um signo, no sentido postulado por Saussure de que uma língua consiste num sistema de signos. Na visão de [8], um signo assume seu valor de significação ao se juntar a outros signos de modo a produzir uma oposição que estabelecerá seu valor e seu significado. Seguindo esse postulado, [19] entende que “... é possível reconhecer que, dentro de uma questão formulada, lexema e termo adquirem uma autonomia linguística, pois pertencem claramente a seus domínios exclusivos. O lexema é uma unidade da lexicologia; e o termo é uma unidade da terminologia.”

7. O ESTABELECIMENTO DA EQUIVALÊNCIA

No caso da terminologia, a equivalência a que nos referimos sempre será aquela que preservará o conceito. Isso quer dizer que a etiqueta, a forma, ou o significante mudam, se alteram em diferentes sistemas linguísticos, mas o conceito que esta forma designa é sempre um só.

A tradução especializada passa por fases distintas de acordo com [6]: “a leitura e compreensão do texto de partida, o exercício da tradução propriamente dito e a reelaboração do texto na língua de chegada”. É no decurso dessas três fases que poderemos observar a necessidade de criação de novos possíveis formativos ou de uma simples transposição entre os dois sistemas, ou códigos linguísticos em questão.

[10] considera que a realidade das línguas se sustenta no fato de elas possuírem esquemas cognitivos diferentes e diferentes padrões e valores culturais. Assim, cada língua tem recursos denominativos particulares, que nem sempre coincidem com os das outras línguas; cada língua se constitui em um “complexo sistema de estruturas cognitivas, linguísticas e sociais”, que não coincidem com os de outras línguas. Além disso, o conteúdo da comunicação admite níveis distintos de precisão e ampla margem de opacidade e diversificação; também, expressar uma ideia em uma língua supõe transferir o esquema de conceitualização utilizado socialmente por determinado sistema. Este é um problema de tradução ligado ao fator cultural, que só pode ser superado com o consenso e a padronização conceitual.

A tradução, de fato, envolve inúmeros problemas para representar o conhecimento especializado. A autora propõe tipos específicos de desdobramento da situação, que pode envolver a ausência de equivalentes ou a proliferação de equivalentes e fraseologias próprias, no que se refere aos problemas linguísticos; desconhecimento do alcance semântico de determinadas unidades da língua de tradução, no que se refere a problemas semânticos; desconhecimento do valor pragmático das unidades na língua de tradução, no que se refere aos problemas de ordem pragmática e também o desconhecimento do tratamento do tema da língua de tradução.

De acordo com [9], o tradutor deve estar capacitado para escolher a melhor alternativa para a resolução dos problemas. Quanto ao problema da ausência de equivalentes, a autora propõe que “se considere as propostas e critérios neológicos dos organismos de normalização, a estrutura geral da língua, os recursos neológicos, recursos léxicos disponíveis, recursos

discursivos, a viabilidade linguística da proposta e a possibilidade de aceitação social ou grupal”.

A esse respeito, há uma advertência sobre a proliferação de equivalentes, diante da qual a postura deve ser a de considerar a conveniência da diversidade e a de ponderar sobre o uso de cada variante.

8. A TEORIA DA VARIAÇÃO EM TERMINOLOGIA POR [1]

Fausltich faz parte de um grupo de estudiosos da socioterminologia que reconhecem que os termos variam e que a monossêmia entre termo e conceito é resultante de uma teoria que deixa o uso da língua em segundo plano.

A princípio, a Terminologia tinha como preocupação “padronizar o uso de termos técnico-científicos de modo a alcançar a univocidade comunicacional no plano internacional” [11]. Estudos nessa linha se tornaram a base da Teoria Geral da Terminologia (TGT), de Eugen Wüster, cuja tese versava sobre a normalização internacional da linguagem científica.

Já em sua análise a esses estudos, e com base na socioterminologia, Faulstich [1] afirma que uma análise deve considerar que “os termos, no meio linguístico e social, são entidades passíveis de variação e mudança e que as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito”.

Os estudos dessa autora sobre o estatuto do termo dão conta de que existem termos e variantes de termos no discurso e ela cria a entidade ‘alotermo’, de forma paralela ao que se verifica na variação gramatical do lexema, do fonema e do morfema, denominados respectivamente de alolexe, alofone e alomorfe.

Desse modo, a autora argumenta que a variação é provocada pela função de determinada variável e se realizará “sob a forma de variantes” (p 76), e que a “função é uma entidade de natureza pragmática”, que condicionaria possíveis “mecanismos de variação” (p. 76).

Na Teoria da Variação em Terminologia, as formas variantes foram agrupadas em três categorias, a saber: variantes concorrentes, variantes co-ocorrentes e variantes competitivas [1].

Os tipos de variantes competitivas estão relacionados ao nosso objeto de estudo. Seriam “aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A...”. [1] Para ela, “os empréstimos linguísticos são itens lexicais que se originam de língua estrangeira e, depois, no contexto social

da língua recebedora, se toram variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular equivalente”[1].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num estudo de caráter diagnóstico importa mais a descrição e a observação do fenômeno, sem um caráter prescritivo, portanto.

Assim é que a relação conceitual sob o enfoque da equivalência entre termos, conforme proposta neste estudo, é um entre os muitos aspectos sobre os quais as pesquisas terminológicas devem prosseguir.

Na busca da equivalência conceitual entre termos da língua inglesa e do português do Brasil, o temo percorre um caminho, que passa pelos seguintes processos: no momento da tradução, surgem os diversos tipos de empréstimos, e, depois, o termo passa pelo processo de variação.

Em síntese, este estudo revelou que termos traduzidos ou adaptados do inglês apresentam problemas intersistêmicos, como incoerências nas formas dos significantes que se baseiam de maneira muito próxima à morfologia da língua que empresta, relegando possibilidades lexicais existentes na língua recebedora assim como seus princípios estruturais.

Uma possível solução se encontra na elaboração de obras de consulta, como glossários temáticos, divulgados online. A criação e uma equipe responsável por um serviço de registro de ocorrência das novas terminologias por tema também pode contribuir para organizar e sistematizar os termos no âmbito de uma instituição de pesquisa.

Os resultados indicam que a compreensão do comportamento dos termos técnico-científicos e sua movimentação por diferentes sistemas linguísticos é fundamental tanto para uma melhor utilização dentro das linguagens de especialidade como também para a organização da terminologia em obras de referência. Essa organização permite especificidade, buscas mais eficientes e pode contribuir com dados sistemáticos e prontamente recuperáveis.

Uma recomendação decorrente é a de que sejam criados protocolos que considerem os aspectos aqui discutidos, como a tradução de termos, a variação terminológica que ocorre nesse movimento e também a necessidade de mitigar uma proliferação de múltiplas definições, no momento principalmente da elaboração de obras de referência especializadas em terminologia no âmbito de instituições de pesquisa.

* Resumo, com atualizações, da dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, em março de 2010.

** Mestre em Linguística, analista da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

Link para o Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4779107A7&tokenCaptchar=03AOLTBLRaSTdH7DWnhnlW6z4o-N8O8-7EfrSG4hnVXeHgbBnj8VaR1hnfOZ8M13LmBmEjRNrWVGfWmUNikUdMJmrC-mbt4eWkoLC4miwOUYRkB1vEHRyF3N6ctQP6uCq5n9frOa0P-EU-wOAOO6cOsJ_hNFP2ax26giLU5OqS_Wdwi6KZsQo7lkKOUQNMUMUvbl75DtBr4GMvDg7VVyDx3S9Ah_hmwNdc6a9t5MMTg3GbstzGk4kO14q_Wohr0LQgPrD6MOro6xNqIgIS4x--JiYbSAiB9T98fBcR0_G_aqU3MHhFWdW4oEdNEpZpQNIkraaJQt7jdJIOEi1xnCDozL-kC8hk9yHO9eaMfFuKvctTVtlLqBfXRgC5kDa92j8wxXLZCacwMM3E0paQKe6wvKHF1teptc4Vpb28nS-Pexd6wTCSBaz8tJDYuxCIYZLFoeou4bvRAhgaMzU4N9ISjibPC-ps2_gmwSm40L8itaON6J-0v1zV6--thix3x8CZIEws0ntggOj

REFERÊNCIAS

- [1] FAULSTICH, E. Variação em terminologia: aspectos de Socioterminologia. In: RAMOS G. G.; LAGOS, M. F. P. (Coord.). *Panorama actual de la terminologia*. Granada: Interlingua, Editorial Comares, 2002.
- [2] SAGER, J. In search of a foundation: towards a theory of the term. *Terminology*, v. 5. P. 41-57, 1998.
- [3] BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004. (Acadêmica; 54)
- [4] KRIEGER, M. da G.; SANTIAGO, M. S.; CABRÉ, M. T. Terminologia em foco: uma entrevista comentada com Maria Teresa Cabré. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 11, n 3, p 328-332, 2013. Quadrimestral. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/issue/view/391>. Acesso em: 28 out. 2019.
- [5] CABRÉ, M. T. *La terminologia. Teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.
- [6] CABRÉ, M. T. La terminologia em la traducción especializada. In: GARCIA YEBRA, V.; GOZALO GARCIA, c. (Ed.). *Manual de documentación y terminologia para la traducción especializada*. Madrid: Arco/Libros, 2004. p. 89-125
- [7] RODILLA, G. M. G. *La ciencia empieza en la palabra: análisis e historia del lenguaje científico*. Barcelona : Ediciones Península, 1998.
- [8] SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 23. Ed. São Paulo : Cultrix, 2001.
- [9] BALDINGUER, K. *Teoria semántica: hacia una semántica moderna*. Madrid: Ediciones Alcalá, 1970. (Colección Romania Serie Lingüística)

- [10] CABRÉ, M. T. La terminologia em la traducción especializada. In: GARCIA YEBRA, V.; GOZALO GARCIA, c. (Ed.). *Manual de documentación y terminología para la traducción especializada*. Madrid: Arco/Libros, 2004. p. 89-125
- [11] KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo : Contexto, 2004.
- [12] CABRÉ, M. T. La terminologia en la traducción especializada. In: GARCIA YEBRA, V.; GOZALO GARCIA, c. (Ed.). *Manual de documentación y terminología para la traducción especializada*. Madrid: Arco/Libros, 2004. p. 90
- [13] CABRÉ, M. T. La terminologia em la traducción especializada. In: GARCIA YEBRA, V.; GOZALO GARCIA, c. (Ed.). *Manual de documentación y terminología para la traducción especializada*. Madrid: Arco/Libros, 2004.
- [14] HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- [15] CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo : Cortez Editora, 2009. (Série Linguagem & Linguística)
- [16] DUBUC, R.; LAURISTON, A. Terms and Contexts. In: WRIGHT, S. E.; BUDIN, g. (Org.). *Handbook of terminology management: basic aspects of terminology management*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. P 80-87.
- [17] KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo : Contexto, 2004.
- [18] GOMES, H. E.; CAMPOS, M. L. de A. Systematic aspects of terminology. *Meta: Journal des Traducteurs*, Montreal, v 41, n2, p 247-254, 1996.
- [19] FAULSTICH, E. *Spécificités linguistiques de la lexicologie et de la terminologie: nature épistémologique*. *Meta: Journal des Traducteurs*, Montreal, v.41, n.2, p. 237-246, 1996.